

Narrativas orais e identidade: o migrante nordestino em Mato Grosso do Sul

Eliene Dias de Oliveira Santana*

RESUMO

Esse trabalho pretende apresentar uma reflexão sobre o processo de constituição da identidade de determinado grupo social como um processo contínuo e fluido. No caso específico, através de narrativas orais de migrantes nordestinos ou descendentes desse grupo, hoje residentes no Estado de Mato Grosso do Sul, pretende problematizar o sentimento de pertencimento e/ou despertencimento desses sujeitos aos seus grupos sociais de origem. Pensar o tempo e o espaço para o migrante, é pensar em sintonia e diacronia, imiscuindo tempos e lugares do passado a tempos e lugares do presente. Nessa perspectiva, alcançar os significados desse processo de constituição de identidades através de suas narrativas apresenta-se como um caminho para nuançar essa discussão.

ABSTRACT

This paper aims to provide a reflection on the process of formation of the identity of a particular social group as a continuous and fluid. In the specific case, through oral narratives of Northeastern migrants or descendants of that group, currently residing in the State of Mato Grosso do Sul, wants to question the sense of belonging and / or not belonging those subject to their social groups of origin. Thinking the time and space for the migrant, is thinking in line and diachronic, interfering times and places of the past times and places of this. Accordingly, achieving the meanings of this process of formation of identities through their narratives is a nuanced way to this discussion.

Keywords: orality, identity, migration.

APRESENTAÇÃO

O Estado do Mato Grosso do Sul é um estado jovem, criado a partir da divisão do Estado de Mato Grosso em 1977. Essa jovialidade denuncia uma identidade em plena constituição, onde a presença de migrantes de outras regiões do país torna ainda mais fecunda essa problemática.

Podemos pensar o estado de Mato Grosso do Sul como um “ambiente cultural fluido” (SOUZA, 2004), um estado de migrantes, lugar de muitos sujeitos, de encontros e desencontros. De processos contínuos de desenraizamento e enraizamento, constituindo uma sociedade extremamente complexa e amalgamada, um regionalismo de difícil compreensão, talvez apenas traduzível no que apresenta de plural.

* Mestre em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia-MG. Professora Assistente do Curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Campus Coxim. Integrante do GEPEMUL – Grupo de Pesquisas em Educação e Múltiplas Linguagens.

Entre os diversos grupos de migrantes presentes na cidade de Coxim-MS, aqui nosso *locus* privilegiado de análise, nota-se a presença de famílias oriundas da região nordeste do país. Ao chegarem à cidade, trazem consigo um modo de viver que nos permite identificá-los como pertencentes a um grupo, “nordestinos”, a partir de alguns elementos centrais, como o modo de falar, sua culinária, indumentária, músicas e danças que lhe são peculiares. Nesse sentido, procuram, muitas vezes, reconstituir no lugar em que chegam a possibilidade de vivenciarem esses elementos em comum com outros nordestinos.

Segundo SOUZA(2006, 01):

Viver em outro lugar, reestruturar relações humanas, espaciais e temporais é tarefa complexa. A convivência do migrante com os “da terra” é exercida em via de mão dupla, na qual o movimento de desenraizar e enraizar é constante, variando de acordo com muitas situações específicas.

Tratando-se de uma relação dialógica, de *mão dupla*, envolve sujeitos com trajetórias distintas que vivenciarão situações de encontro e desencontros, a partir de suas diferenças e de uma vivência agora comum. Vivência essa também marcada por aproximações e distanciamentos.

No caso dos grupos migrantes, é comum a elaboração de elementos que possam referendar a memória do tempo passado que ainda subsiste nesses sujeitos. Essa memória se apresenta em forma de monumentos, lugares de memória para NORA(1993), de costumes típicos e mesmo de celebrações de um modo de viver que, embora no passado, permanece em vários sentidos presentes.

Em Coxim-MS podemos perceber esses elementos em locais de memória como a *Praça dos Nordestinos* e o *Centro de Tradições Nordestinas Padre Cícero*. A música e a culinária nordestina também são referenciadas em feiras livres (Feira do Produtor) e eventos promovidos pelo Centro de Tradições.

Essa percepção de determinados elementos que nos permite aglutinar grupos de indivíduos como “nordestinos”, não deve obscurecer o fato de que trata-se de uma noção extremamente complexa e dinâmica, como bem demonstrou MUNIZ em *A Invenção do Nordeste*(1999). Nesse trabalho, para fins de delimitação temática, o nordestino será entendido como aquele que veio da região Nordeste do país, ou ainda aquele que nasceu em outras regiões mas compartilha do modo de vida nordestino pela vivências dos familiares, por exemplo. Acima de tudo, ser nordestino é uma auto-identidade.

Logo, a proposta desse artigo tem como viés a análise da *Festa dos Nordestinos* em Coxim-MS, pensando no sujeito migrante nordestino em relação dialógica com a cultura e o modo de vida da população local. Esse sujeito, em permanentes processos de

construção/desconstrução , escolhe ser migrante, mas também procura criar meios de lembrar e reviver seus costumes e modo de vida.

O ato de celebrar e relembrar o modo de vida de origem não o impede de estabelecer trocas e assimilações com a cultura local, aqui percebendo-a também como fluida e não um conjunto de elementos estanques. No caso particular de Mato Grosso do Sul, pela sua recente constituição enquanto unidade federativa, esse aspecto da fluidez e dinamicidade cultural é mais evidente ainda. O Estado se constitui amalgamando-se à constituição do próprio sujeito, seja ele nascido na região ou vindo de outras paragens.

Nessa análise perceberemos a noção de identidade como produzida em momentos particulares no tempo; portadora de um núcleo essencial que distinguirá um grupo do outro; e produto de diferentes componentes (HALL,2000). Nesse sentido, a justificativa acadêmica para este trabalho dá-se no âmbito do debate intelectual. Questões como “existe a identidade?”, singularizada, ou, “identidades múltiplas, construídas, imiscuídas e amalgamadas?” são perscrutadas no intuito de perceber possíveis significados que esse sujeito sulmatogrossense e/ou nordestino atribui a si.

NARRANDO VIVERES

O documento, indício e conceito fundamental quando se trata do conhecimento histórico, tem passado por redefinições constantes nas últimas décadas. Em 1929, Marc Bloc e Lucien Febvre, fundadores dos *Annales*, falavam da necessidade dos historiadores buscarem, fora de seus gabinetes, novas possibilidades documentais (BURKE, 1997). A partir de então a noção de documento vem sendo ampliada e, conseqüentemente, a compreensão da história também se transforma. Os grandes acontecimentos, os grandes personagens estão, gradativamente, perdendo o estatuto de fonte privilegiada do conhecimento em história.

Dentro dessa nova perspectiva historiográfica, que abre possibilidades para novos objetos, novas perspectivas metodológicas e novas formas de narrativa é que o pesquisador amplia seu horizonte de trabalho, construindo diálogos com representações várias da realidade.

Nesse caminho, a História contemporânea tem recusado a percepção do documento como “verdade” inconteste, percebendo-o como uma representação possível do acontecido. Ancorados nas reflexões do pesquisador italiano PORTELLI (1998), entendemos que representações e “fatos” não existem em esferas isoladas. E é só considerando-os juntos que podemos distingui-los. Logo, as representações se utilizam dos fatos e alegam que são

fatos; enquanto os fatos são reconhecidos e organizados de acordo com as representações. E tanto fatos quanto representações convergem na subjetividade dos seres humanos.

Nesse sentido, quando trabalhamos com o local e o regional, buscando entender os sentidos e significados destes na constituição do sujeito, estamos pensando nesta interação constante e interdependente entre fatos e representações.

Enquanto aparato metodológico, a história oral, junto a outras fontes, será perscrutada no sentido de abordar outras nuances do viver, nos permitindo adentrar significados que o documento escrito não nos propiciou.

Na realidade, fontes escritas e orais não são mutuamente excludentes. “Elas têm em comum características autônomas e funções específicas que somente uma ou outra pode preencher (ou que um conjunto de fontes preenche melhor que a outra). Desta forma, requerem instrumentos interpretativos diferentes e específicos”. (PORTELLI, 1997-30)

O local e o regional serão abordados como discursos portadores de representações de grupos sociais. Relegar ao discurso um papel fundamental na compreensão da realidade histórica, é reconhecer que as palavras, e suas combinações, carregam em si elementos vários do viver de um povo.

É também reconhecer que, na relação memória/história, a trama da vivência de grupos sociais distintos envolve a memorização do acontecer social, que também faz parte do exercício do poder. É papel deste exercício ocultar a diferença, a contradição, decidindo o que deve ser lembrado, como deve ser lembrado e, em contrapartida, o que deve ser esquecido.

O discurso aqui assume uma conotação não apenas verbal, mas também expressa em manifestações culturais várias; festas religiosas e populares; práticas de sociabilidade; na forma como os grupos sociais organizam o seu viver, educam seus filhos, consomem, partilham e constroem valores.

É essa complexa rede de discursos e olhares diferenciados, mas não neutros a outros, que nos intriga e instiga a continuar esta busca.

Em relação à metodologia de levantamento de dados que possibilitou a pesquisa sobre o sujeito nordestino, a Festa dos Nordestinos em Coxim/MS nos propiciou o *locus* de realização das entrevistas orais, nos dias 20 e 21 de Junho de 2008. Essas entrevistas privilegiaram como sujeitos os freqüentadores da festa, apreciadores da cultura nordestina e pessoas ligadas à organização do evento. Nelas, procuramos nuançar os sentidos e significados que a mesma invoca, o viver o presente e reviver o passado, a mistura entre os diversos tempos e lugares que compõe a identidade, muitas vezes plural, do sujeito.

Quando lidamos com a diversidade de memórias, não se deve apenas pensar num conflito entre a memória comunitária pura e espontânea e outra oficial, “ideológica”, de forma que, uma vez desmontada esta última, se possa assumir a autenticidade não mediada da primeira. Na verdade, estamos lidando com uma multiplicidade de memórias fragmentadas e internamente divididas, todas, de uma forma ou de outra, ideológica e culturalmente mediadas. (PORTELLI, 1998)

Parafraseando FIORIN (2003), saber se o falante revela ou não sua verdadeira visão de mundo, ao enunciar um discurso, não é problema do analista do discurso, uma vez que a análise não é investigação policial. A análise, em síntese, não se interessa pela “verdadeira” posição ideológica do enunciador, mas pelas visões de mundo inscritas no discurso.

Ao tentar rememorar sua trajetória, o depoente vai à busca de sua própria identidade. Ao contar suas experiências e emitir suas opiniões, conferindo sentido a seus gestos, o ator se torna sujeito de seus próprios atos, percebendo seu papel singular na totalidade social em que está inserido. As histórias de vida não esclarecem necessariamente os fatos passados; mas são interpretações atuais deles.

Pela história oral não se busca apenas conhecer os fatos, mas principalmente perceber os sentidos e os significados que os depoentes dão às suas vivências. O entrevistado não relata um fato como ele aconteceu, mas sim a partir de algumas memórias que ele considera mais importantes, e ao mesmo tempo renunciando a outras. E essa reelaboração sempre se faz à luz do seu presente. Mas, ao rememorar sua trajetória, o depoente está também procurando construir sua própria identidade, principalmente a partir das experiências nas quais se considera parte.

Logo, entendendo a história oral enquanto metodologia de trabalho possível ao profissional de História, a propomos em nossa análise como uma alternativa às interpretações estruturais e como um contraponto ao discurso homogeneizador, que nega o caráter plural dos acontecimentos.

O migrante nordestino, ao produzir uma narrativa, busca elencar determinados elementos que lhe permita usufruir de sentimento de pertencimento a determinados lugares. Busca ele reconhecer-se enquanto sujeito, apresentar uma identidade. Ao contrário do que possa parecer, esse processo não é uniforme ou pacífico, mas indicia campos tensos e conflituosos do ser migrante.

Sra. Maria da Silva Dolores, entrevistada durante a Festa dos Nordestinos/2008 narra seus sentimentos durante o evento:

Assim, eu sinto alegria, né, porque saber que a minha família toda são nordestinos. Só eu Mato-grossense. Eu sinto que sim, poderia ter nascido lá no nordeste.¹

O sentimento de pertencimento ou despertencimento permanece conflituoso, quando indagada sobre sentir-se sul-matogrossense ou nordestina: “Em acho que meio a meio”². (Risos)

A identidade é um processo em construção, processo esse permeado de contínuas tensões, sentimentos difíceis de serem traduzidos. Ser diferente dos demais familiares pelo fato de ter nascido em regiões diferentes põe em xeque o sentimento de pertença de Maria da Silva ao Estado que nasceu. Por ter um modo de vida próximo ao nordestino, ela se percebe também nordestina em alguns aspectos, ou seja “meio a meio”.

Esse conflito também está presente na narrativa de Sr. Francisco Pereira Barros:

Eu acho que sou mais herança nordestina mesmo, eu sou mato-grossense porque adoro a cidade aqui, mas se eu pudesse tornaria lá no nordeste, apesar de não conhecer direito, não saber como que é hoje.³

E acrescenta:

Olha, hoje eu não posso falar que me sinto um migrante porque estou adaptado aqui. Vivo aqui há tanto tempo qui eu não sei te dizer qual é a diferença daqui e lá. Comida... aqui você encontra todo tipo di comida que você encontraria no Nordeste. Tem muito nordestino aqui em Coxim. Intão, até o jeito aqui, todo lugar que você vai encontra um nordestino, intão é.... não sei te falar.⁴

Ao mesmo tempo que se diz um herdeiro da herança nordestina, o depoente reafirma o seu enraizamento no fato de não se sentir migrante. O nordeste aparece amalgado ao Mato Grosso do Sul no sentimento de afeição, nas comidas, nas próprias pessoas que aqui vivem.

O Sr. José Moacir Bezerra também evidenciou esse conflito de pertencimento em sua fala:

Olha, eu com 52 anos di Cuxim, eu chegando aqui há mais ou menos em 1958 eu mi acho assim, eu sou mais ou menos 80 por cento cuxinense e 20 e 20 por cento nordestino. Só qui meus filhos todos nasceram em Coxim. Mas meus

¹ DOLORES, Maria da Silva. *Entrevista*. Coxim-MS: Centro de Tradições Nordestinas, 20/06/2008. Entrevista produzida pela autora e por Leandro Gomes Ferreira.

² Idem.

³ BARROS, Francisco Pereira. *Entrevista*. Coxim-MS: Centro de Tradições Nordestinas, 20/06/2008. Entrevista produzida pela autora e por Leandro Gomes Ferreira.

⁴ BARROS, Francisco Pereira. *Entrevista*. Coxim-MS: Centro de Tradições Nordestinas, 20/06/2008. Entrevista produzida pela autora e por Leandro Gomes Ferreira.

país, meu pai e minha mãe, tudu são nordestino, mas eu mi considero, assim.. mais cuxinesne qui nordestino.⁵

O Nordeste ainda é referendado em sua identidade, mas a ligação com a terra sul-mato-grossense, onde os seus filhos nasceram, o faz mensurar de forma desigual esse sentimento de pertencimento.

Não cremos aqui que seja possível essa definição plena, muito menos em termos quantitativos, apenas ousamos apontar a presença de nuances várias que acompanham os processos de enraizamento e desenraizamento do sujeito nordestino migrante.

Pensando nos elementos que caracterizam o conceito de nordeste, o depoente Francisco Alves Menezes nos dá pistas da complexidade de tal definição. Ao narrar sobre a quadrilha organizada por ele que se apresenta na Festa dos Nordestinos, diz:

Na minha região que eu morei, eu faço o ritmo de minha região, que o Nordeste são 9 estados, e cada estado tem uma cultura diferente, então eles tem vários tipos de dança, é o gingado que é diferente, então eu faço uma quadrilha da minha região.

Talvez quem é lá do Pernambuco ou lá da Bahia ou Sergipe eles façam o ritmo deles mas, sim, com a mesma agitação que a gente tem o mesmo gingado, aquela coisa toda, mas tem um pouco de diferença sim.

Pra pessoas que tem um pouco de cultura ele vai entender que é diferente, mas pra muitas pessoas que num entende, que nunca foi lá, num viu, eles acha tudo igual, mas não são tudo igual, mas não são tudo igual, cada um tem o seu ritmo.⁶

Sua fala densifica o que vem a ser Nordeste, a partir das diferenças entre os elementos que compõe a quadrilha em seus vários Estados. *Quem tem um pouco de cultura*, ou seja, de vivência nordestina, perceberá as singularidades que esta dança possui dependendo da região. *Quem nunca foi lá, acha tudo igual*.

A relação entre os migrantes nordestinos e os *da terra* constrói-se num caminho dialógico, não excluindo desse caminho a presença de conflitos e tensões:

(...) eu descobri um pouco também em Coxim, com os amigos, qui as pessoas, a maioria aqui é um pessoal... é uma terra mista, vem gente de bastante lugar, e muita gente nega ser nordestino. É, ele tem pai, mãe e avô, tudo ele nasceu aqui mas a origem dele, o sangue vei di lá, é pai, mãe, aquela família inteira, avô, todo mundo e eles já negam, não nós... , mas eles gostam das coisas assim e aos poucos vão descobrindo. Quando eu cheguei até o ano 2000 o pessoal aqui tinha vergonha de ouvi forró, a gente tinha música de lá,

⁵ BEZERRA, José Moacir.. Entrevista. Coxim-MS: Centro de Tradições Nordestinas, 21/6/2008. Entrevista produzida pela autora e por Leandro Gomes Ferreira.

⁶ MENEZES, Francisco Alves. Entrevista. Coxim-MS: Centro de Tradições Nordestinas, 20/06/2008. Entrevista produzida pela autora e por Leandro Gomes Ferreira.

pegava, tal, a gente não passava em praça pública porque aquilo o pessoal fazia crítica e tinha vergonha de ouvir. Hoje não, o forró tá bem popular (...)⁷

Falar de identidade é falar de diferença. Reconhece-se o que se é a partir do que não se é; a partir do outro; do que lhe é diferente. Assim, demarcar espaços que denunciam a pertença nordestina, é situar o campo do que não é nordestino. É demarcar campos de embates e também de aproximações. A identidade, nesse sentido, é marcadamente um campo de disputa.

O ser nordestino nem sempre é uma processo tranqüilo. A existência de olhares preconceituosos e pejorativos propicia realidades de negação a elementos que denunciariam o sentimento de pertença ao Nordeste. Para o depoente, esse situação altera-se quando há uma maior aceitação da sociedade em geral da música típica do nordeste, quando essa torna-se mais *popular*.

Estes são resultados parciais de uma pesquisa em fase inicial. Tentamos aqui alcançar significados e sentidos vários que perpassam a problemática da identidade do sujeito. O processo de constituição dessa identidade não é linear ou homogêneo, mas marcado por tensões e conflitos nem sempre codificáveis. As narrativas aqui perscrutadas nos indiciam que ser migrante, nordestino ou ser sulmatogrossense não são questões conclusas, mas processos dinâmicos e fluidos no qual o sujeito se erige e se transforma continuamente.

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de (1999). *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez; Recife: Massangana.
- AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (Coords.) (1998). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- BURKE, Peter. (1997). *A Escola dos Annales*. São Paulo: UNESP.
- FIORIN, José Luiz (1990). *Linguagem e Ideologia*. São Paulo: Ática.
- HALL, Stuart (2000). Quem precisa da identidade? In: SILVA Tadeu (Org.). *Identidade e diferença: as perspectivas dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes.
- NORA, Pierre. (1993) Entre Memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28.
- PORTELLI, Alessandro (1997). O que faz a história oral diferente. *Revista Projeto História*. São Paulo: PUC/SP, N.º 14.

⁷ MENEZES, Francisco Alves. Entrevista. Coxim-MS: Centro de Tradições Nordestinas, 20/06/2008. Entrevista produzida pela autora e por Leandro Gomes Ferreira.

_____ (1998). O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (Orgs). *Usos e Abusos da História Oral*. 2^a ed. Rio de Janeiro: FGV.

_____.(2004) "O momento da minha vida": funções do tempo na história oral. In: *Muitas Memórias, Outras Histórias*. FENELÓN, Déa Ribeiro. MACIEL, Laura Antunes. ALMEIDA, Paulo Roberto de. Khoury, Yara Aun. (orgs.) São Paulo: Olho D'água, p. 296-313.

SOUZA, Carla Monteiro de (2004). *História, Memória e Migração: processos de territorialização e estratégias de inserção entre migrantes gaúchos radicados em Roraima*. Tese de Doutorado em História. PPGH/PUCRS. Porto Alegre.

SOUZA, Carla Monteiro de Souza (2006). Gaúchos em Roraima: memória, regionalismo e identidade. *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v. XXXII, n. 1, p. 199-207.